

EN

The Russian master playwright Chekhov wrote *Yaňka* (pronounced *Tchaika*) in 1895. This word means ‘seagull’, but it also means ‘shattered dreams’. For director Christian Benedetti, his creation consists of a “homecoming”, which is why he keeps returning to this play for years. Throughout this edition of Festival de Almada, *The Seagull* was in evidence. On this show we’ll rediscover Chekhov’s masterpiece urging for modernity: we are given a bare stage (almost without a set, having only a few lamps and school chairs), and the same applies to the costumes (actors playing in jeans). Benedetti says: “Chekhov questions the construction or destruction of the spectator’s place”. That is why he decided to light up the venue: the spectator is not merely one who observes, but he thus becomes a participant in this story.

LA MOUETTE (A GAIVOTA)

Théâtre Studio (França)

Texto de Anton Tchecov

Tradução para francês Elsa Triolet

Encenação de Christian Benedetti



43º FESTIVAL 04 — 18
de almada Julho 2026

Organização Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

Dias e Horários

18 Julho — 22H00

Local

Palco Grande,
Escola D. António da Costa,
Almada

Língua

Francês, com legendas
em português

Classificação Etária
M/12

Duração
1H45

Apoio

Institut Français du Portugal

Intérpretes

Brigitte Barilley, Christian
Benedetti, Leslie Bouchet,
Julien Bouanich, Olivia Brunaux,
Thomas Chimot, Philippe
Crubézy, Daniel Delabesse,
Alain Dumas, Florent Masse
e Hélène Stadnicki

*Adaptação da tradução de Elsa
Triplet (versão de 1895)*

Brigitte Barilley,
Christian Benedetti

e Laurent Huon

Assistência de Encenação

Salomé Lemire

PT

“Estou a escrever, não sem algum prazer, uma peça que vai contra todas as regras da dramaturgia. Quatro papéis femininos e cinco masculinos, uma vista para um lago, muita conversa sobre literatura e arte, pouca acção e cinco toneladas de amor”.

Anton Tchecov

Com *A gaivota*, Anton Tchecov questiona as nossas capacidades, os nossos meios e as nossas obrigações. “São necessárias novas formas. Novas formas, é disso que precisamos e, se não as houver, então não há nada a fazer”. Mudar a forma de fazer não basta, se isso não puser em perspectiva uma outra forma de olhar e de ver. Fazer com que quem olha se comova, fazê-lo mudar de ponto de vista. Uma peça em que os velhos matam os jovens... sem piedade. Tchecov era médico. Conhecia intimamente o funcionamento dos corpos e dos seres. Estava no cerne do ‘sistema biológico’. Observava, mas acima de tudo não julgava: olhava com benevolência e com amor. “Não há nada mais artístico do que amar as pessoas”, dizia Van Gogh.

Tchecov questiona a construção ou a destruição do lugar do espectador. Ele revela-nos que as imagens têm um poder humanizador, e a distância que elas criam entre o Homem e as suas emoções oferece-lhe as condições para a sua liberdade. Cabe-lhe a ele não se submeter às imagens, recusá-las. Optei por iluminar a sala. O espectador não é apenas aquele que olha, mas um parceiro que participa na história que está a desenrolar-se, na mesma temporalidade. Não só mudar a forma de fazer, mas tentar mudar a forma de olhar. Deslocar o espectador da sua função, obrigá-lo a mudar de ‘ponto de vista’, a olhar para o lado. Mesmo para o lado. Olhar para o ‘oculto’, para o que ‘está por baixo’. Sem separação não há imagem, e o homem fica sem olhar. Mesmo que não nos mostrem tudo, seremos capazes de ver o que nos mostram para compreender e pensar o que não nos mostram?

Há sempre um modelo em Tchecov. Muitas vezes ficamos aquém desse modelo. No entanto, as tragédias são as mesmas, e não inferiores. Trata-se apenas da morte em Tchecov — a morte como o próprio tema da representação teatral. Sabemos que vamos morrer; não precisamos que o teatro no-lo diga. Para mim, este é o verdadeiro sentido da representação, da verdadeira razão de ser do teatro: “Por que é que não sabemos por que vamos morrer?”. Tchecov fez da arte o terreno de eleição das paixões, das ilusões, e dos conflitos entre os protagonistas de *A gaivota*. Nesta peça, quem não é artista bem gostaria de sê-lo, como se essa fosse a única hipótese de ser contemporâneo. Nenhuma destas personagens é capaz de enfrentar o presente: essa é uma das características da sua obra. As personagens falam do seu passado como se continuassem a viver nele, e falam também de um futuro melhor, que virá daí a um ou dois séculos. Mas é-lhes impossível enfrentar o presente, ou até mesmo imaginá-lo.

Christian Benedetti